

A ARTE RUPESTRE

DO VALE DO TEJO

EXPOSIÇÃO PERMANENTE | CIART





Durante pouco mais de 2 anos, até Abril de 1974, o GEPP (Grupo de Estudos do Paleolítico Português), com uma equipa de estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sob a coordenação programática de Eduardo da Cunha Serrão com o próprio GEPP, trabalhou intensamente na região, prospectando ambas as margens do Tejo entre a foz do Ocreza, a jusante, e a foz do Sever, a montante.

Foram então detectadas várias concentrações de gravuras rupestres ao longo deste vasto território (e até para além dele), de que merecem destaque os sítios de Fratel, do Cachão do Algarve, de Gardete (todos em Vila Velha de Ródão) e de S. Simão (Nisa). Entre estes núcleos principais, há uma solução de continuidade através de muitas centenas de gravuras dispersas por outros núcleos com menor densidade de gravações, como sejam os de Ficalho, Lomba da Barca, Alagadouro, Chão da Velha e outros. A crista quartzítica das Portas de Ródão, um monumento natural fendido pelas águas do Tejo, configura uma espécie de axis-mundi simbólico sensivelmente a meio deste vastíssimo território rupestre.

Com o apoio do Estado e da Fundação Calouste Gulbenkian e sabendo-se que a maior parte das gravuras ficariam submersas, foram realizadas várias campanhas de levantamento, tendo-se então aplicado uma metodologia de registo arqueológico que procurou documentar o mais exaustivamente possível tudo o que então se descobria.

As rochas decoradas, algumas com diversos painéis, foram numeradas e exaustivamente inventariadas em fichas descritivas, fotografadas, topografadas e moldadas. Privilegiou-se na altura a moldagem em látex em detrimento do decalque directo, que seria muito mais moroso, oferecendo os moldes a vantagem de se ficar com uma cópia dos painéis gravados, o que até permitiria a sua duplicação futura.

A moldagem em látex foi pois a principal técnica de registo que então foi aplicada na arte do Tejo. É ainda hoje a principal fonte documental da maior parte destas gravuras e a base para a obtenção dos actuais desenhos e réplicas das rochas historiadas.

Por estas inolvidáveis campanhas de trabalho arqueológico no Vale do Tejo passou toda uma geração de jovens arqueólogos que aqui sedimentariam as suas vocações. Este grupo, de entusiastas primeiro e logo depois de arqueólogos, ficou conhecido como a «geração do Tejo».

Muito antes da chegada da Internet e dos meios de comunicação de massa actuais e vivendo-se ainda os últimos anos da ditadura do Estado Novo, as várias campanhas de trabalhos arqueológicos e o problema da construção da barragem do Fratel – que ninguém então questionou e a própria censura vigente se encarregou de calar – que iria afogar toda aquela arte rupestre, foram um tema apesar de tudo latente na comunicação social do tempo.

A televisão, com os monitores ainda a preto e branco, chegou mesmo a fazer várias reportagens nos sítios rupestres. Foram igualmente produzidos vários filmes. Seria no entanto a imprensa escrita que mais acompanhou de perto o trabalho arqueológico e o próprio afogamento da arte do Tejo.

TEJO SUBMERGE
CIVILIZAÇÃO
MULTIMILENÁRIA
PÁGINA CENTRAL

LEVANTAMENTO EM VILA VELHA DO RODÃO DE UMA IMPORTANTE ESTAÇÃO DE ARTE RUPESTRE

VALE DO TEJO

AUGUSTO VILELA

VIAGEM À PRÉ-HISTÓRIA

MAIS UM dia de trabalho para os arqueólogos do Vale do Tejo. O levantamento da estação de arte rupestre de Vila Velha do Rodão continua a ser efectuado. A equipa de trabalho, sob a direcção de Eduardo da Cunha Serrão, está a trabalhar na zona da crista quartzítica das Portas de Ródão. Os trabalhos são efectuados em condições difíceis, devido ao estado de conservação das rochas e à presença de vegetação.

Os trabalhos de levantamento da estação de arte rupestre de Vila Velha do Rodão continuam a ser efectuados. A equipa de trabalho, sob a direcção de Eduardo da Cunha Serrão, está a trabalhar na zona da crista quartzítica das Portas de Ródão. Os trabalhos são efectuados em condições difíceis, devido ao estado de conservação das rochas e à presença de vegetação.

JOVENS ARQUEÓLOGOS SALVAM FIGURAS RUPESTRES

(Ler na página central)

A ENGOLIU

1-10-1973

ANOS	EGÍPTO	HELLENISMO	ROMA	RENASCIMENTO	MODERNISMO	BARROCO	NEOLÍTICO	MEOLÍTICO
1.000								
1.500								
2.000								
2.500								
3.000								
3.500								
4.000								
4.500								
5.000								

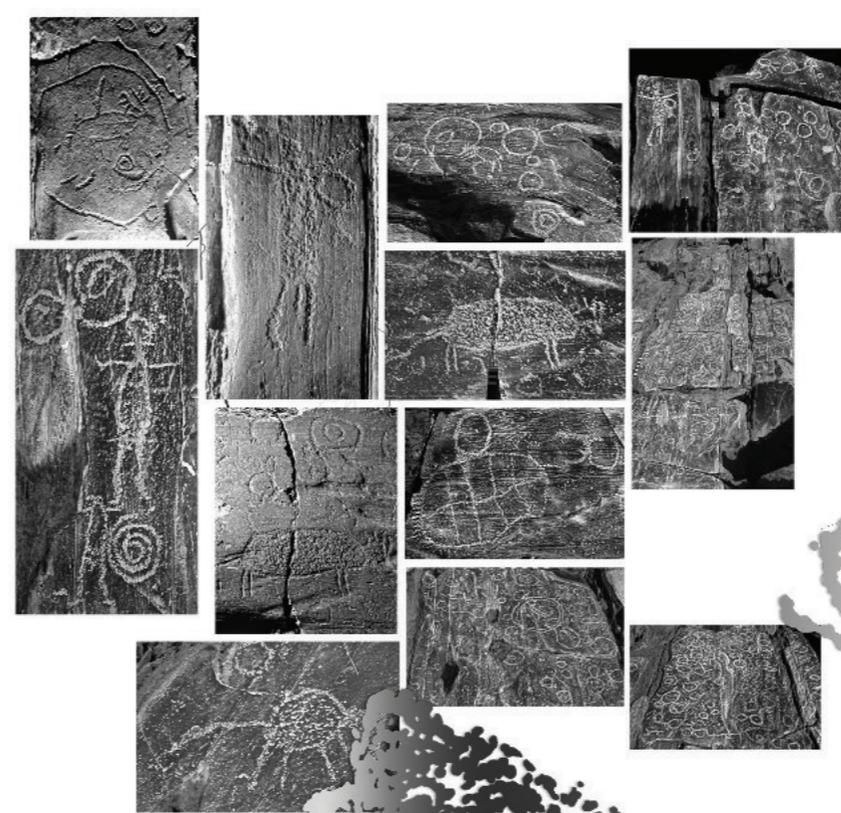
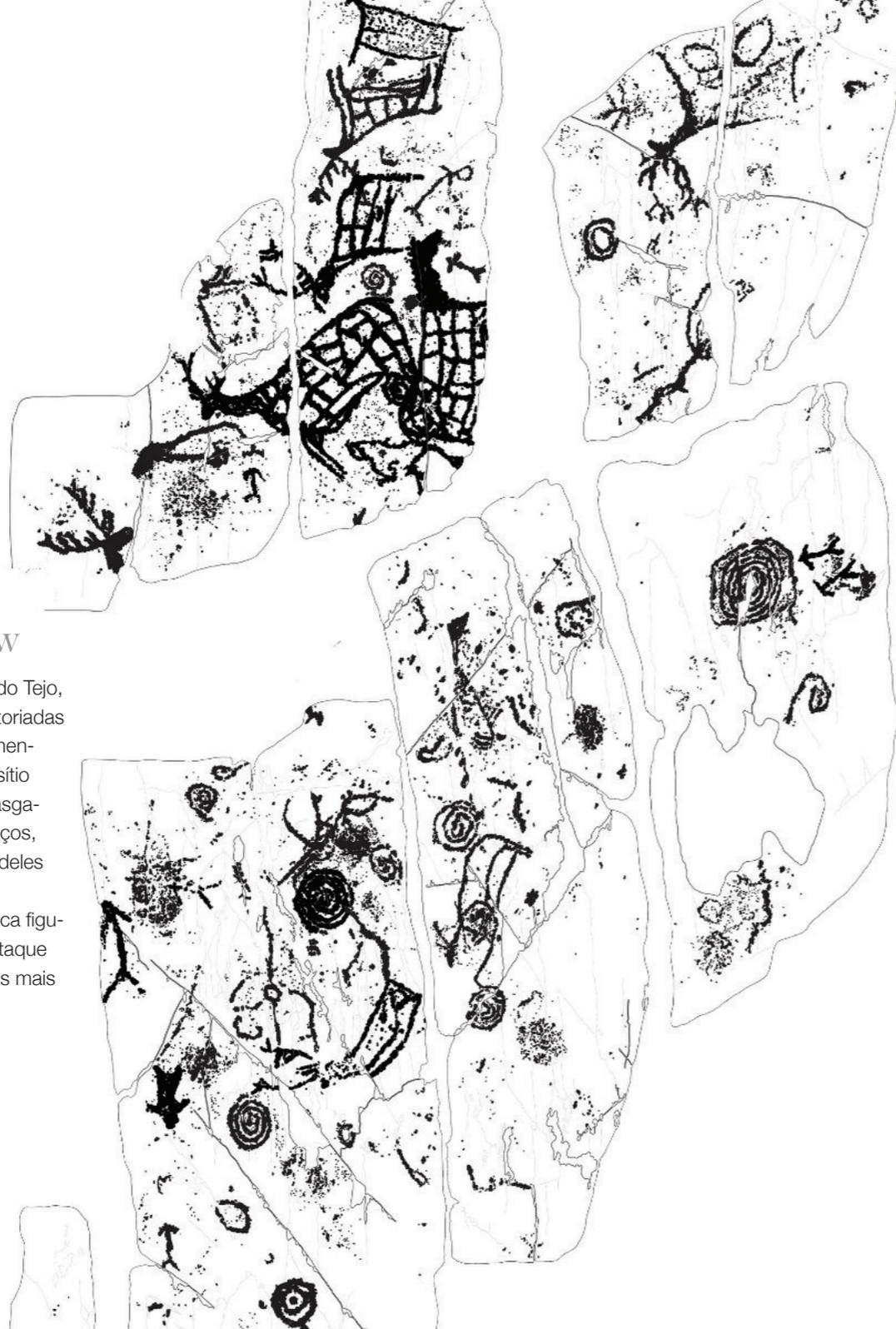
TEJO
CIVILIZ

FRATEL

39° 37' 14" N - 7° 42' 59" W

É um dos principais núcleos da arte do Tejo, com quase três centenas de rochas historiadas na margem direita, mas o local foi totalmente submerso pela albufeira de Fratel. O sítio desdobrava-se por uma ampla bacia, rasgada pelo rio e pontilhada por alguns terraços, com centenas de afloramentos, muitos deles gravados.

Concentra a mais expressiva gramática figurativa da arte do Tejo, onde merece destaque a notável rocha F-155, com algumas das mais originais e antigas gravuras do Tejo.



CACHÃO do ALGARVE

39° 38' 44" N - 7° 35' 48" W

Localizado numa ampla bacia da margem direita, rasgada pelo rio num dos sectores montantes do complexo inscultórico do Tejo, é o núcleo que guarda as maiores concentrações de figuras geométricas por painel, que se agrupam em amplos conjuntos no sector médio desta estação. Merecem aqui destaque os seus belos conjuntos de espirais e algumas representações humanas semi-naturalistas. O sítio está totalmente submerso.





GARDETE

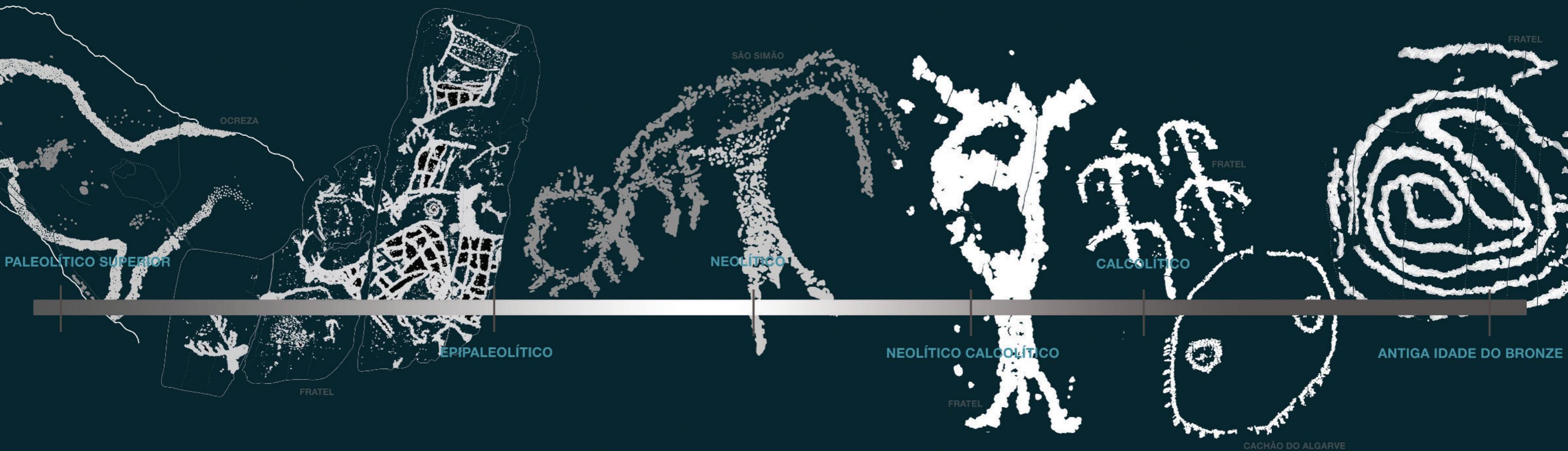
39° 32' 27" N - 7° 49' 15" W

Localizado na margem direita, pouco antes da foz do Ocreza, é o sítio mais a jusante do complexo de arte rupestre do Tejo. Por estar já fora da influência da barragem de Fratel, o sítio é visitável. Concentra pouco mais de duas dezenas de rochas gravadas, na sua maioria com uma temática com representações geométricas e abstractas (mas com raros podomorfos) enquadráveis no último período cronológico da arte do Tejo.

OCREZA

39° 32' 45" N - 7° 49' 37" W

É a mais antiga gravura em toda a área do Complexo do Tejo, sendo atribuível ao Paleolítico superior. Técnica e estilisticamente e por paralelos com a arte do Côa, enquadra-se no período Gravetense (± 20.000 anos). Pertence pois ao primeiro grande período artístico documentado em território português, caracterizado pela gravação ao ar livre de picotagens largas e profundas, sendo o cavalo (juntamente com o auroque) o tema mais gravado, como é aqui o caso. O animal está perfeitamente definido nas suas linhas essenciais, sendo de destacar a ausência da cabeça, que é eventualmente simulada pela própria configuração desta zona da rocha. O painel que guarda esta gravação foi criteriosamente escolhido, muito perto do curso antigo do rio. É um xisto com uma pátina azulada, com uma orientação sub-vertical, sensivelmente a meio e entre as duas últimas curvas do rio antes de entrar no Tejo. É aparentemente uma gravura com um valor simbólico de tipo territorial e/ou comemorativo.



A mais antiga representação da Arte do Tejo é o equídeo do Ocreza. É atribuível ao período Gravetense (Paleolítico superior) e terá sido gravado há ± 20.000 anos.

Porém, os grandes períodos artísticos do Complexo do Tejo distribuem-se entre o Epipaleolítico e a antiga Idade do Bronze, centrando-se a maior densidade de gravações no Neolítico e no Calcolítico (4º e 3º milénios a.C.).

ANTROPOMORFOS



Membros em arco ou duplo arco



Variantes esquemáticas



A arte do Tejo é uma escrita antes da escrita. Longe do naturalismo sintético paleolítico, ou das narrativas incisas da Idade do Ferro, a gramática figurativa do Tejo desdobra-se por esquemas tão simbólicos quanto abstractos. As formas geométricas ou geometrizarantes são as mais comumente gravadas. E o círculo é a forma mais disseminada. A um ponto tal, que pode pensar-se ter o círculo e suas variantes um significado e uma dimensão de absoluto, uma forma onde tudo se contém. O círculo será para os gravadores taganos a forma conceptual perfeita. E não apenas enquanto simples forma gráfica, mas enquanto representação simbólica com uma pluralidade de valores e significados. O círculo é, pois, gravado como uma espécie de ex-voto, a forma simbólica por excelência dos gravadores taganos.

Pode por isso mesmo, pensar-se, que um círculo, particularmente na fase de apogeu do geometrismo simbólico tagano (como nos grandes painéis do Cachão do Algarve), poderia ter o mesmo significado que um cervídeo ou até um antropomorfo, ambos a requererem uma execução mais elaborada.

No espaço cénico tagano, como é configurado pelos painéis que entretanto foram sendo descobertos, há poucas narrações convencionais. São muito poucas as cenas descritivas, eventualmente ou não de carácter mitográfico, e cada rocha gravada (ou painel) deve ser lido também de acordo com a sua envolvente, isto é, a própria paisagem ribeirinha. Foi este aspecto, reforçado pela análise da arte rupestre das sociedades de primitivos actuais (como os San, da África do Sul, ou os Aborígenes australianos) que se perdeu com a inundação dos sítios rupestres.

A densidade de testemunhos rupestres que aqui foram deixados, permite, no entanto, pensar, que o curso do Tejo teria sido objecto de uma qualquer sacralização, tendo as suas margens sido monumentalizadas através da arte rupestre.

ZOOMORFOS



ANTROPOMORFOS

Durante o Neolítico e o Calcolítico taganos, a representação humana é um dos temas mais constantes da sua gramática figurativa. A figura antropomórfica é representada quase sempre de uma forma muito esquematizada, raramente integrada em cenas narrativas evidentes, surgindo ora isoladas (o mais comum), ora associadas entre si ou com formas geométricas, e mais raramente em associação com animais.

Com efeito, os padrões conceptuais da arte esquemático-simbólica ibérica configuram um estilo muito sintético e linear, características nem sempre bem evidenciáveis a um observador moderno.

ZOOMORFOS

É um dos grandes grupos tipológicos da arte esquemática do Tejo, sendo as figuras distribuídas pelas seguintes espécies: cervídeos e capríneos são os mais comuns; os equídeos e os bóvidos são muito raros, da mesma forma que os canídeos, os ursídeos e as aves. Há ainda uma série de figurações indefinidas ou com atributos idealizados.

Os cervídeos são o principal e sem dúvida o mais importante grupo de animais gravados nos xistos do Tejo. De uma maneira geral são menos esquematizados do que as representações humanas, podendo até os mais antigos apresentar divisões internas no interior do corpo, ao estilo raio-X, uma característica mais comum a uma arte de caçadores.

PROMOTORES

Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão
Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão

CONCEPÇÃO

António Martinho Baptista

COORDENAÇÃO

Raquel Lopes
Rui Filipe Ribeiro

TEXTOS

António Martinho Baptista

FOTOGRAFIAS

António Martinho Baptista
Centro Nacional de Arte Rupestre
Arquivo do Grupo de Estudos do Paleolítico Português (GEPP)

DESENHOS

António Martinho Baptista
Centro Nacional de Arte Rupestre
Parque Arqueológico do Vale do Côa

SOM

Rui Dias | concepção, programação
Gustavo Costa e Rui César Coelho | recolhas sonoras
Luís Marques | programação

DESIGN

Cristina Dordio

CARTOGRAFIA

Nuno Farinha

PRODUÇÃO

Miguel Nífra

APOIO

Parque Arqueológico do Vale do Côa
Fundação Côa | Parque

